

+E

As ondas de choque do movimento #MeToo puseram a masculinidade debaixo do microscópio. Oito homens refletem sobre o que é "ser homem" hoje e a (r)evolução que é preciso para se atingir uma sociedade mais saudável e mais justa para todos

Os homens também choram



TEXTO
NELSON MARQUES



ESTEREÓTIPO Homem que é homem
não chora, porque chorar é sinal de
fraqueza ou, pior ainda, de falta de
masculinidade. Homem não sofre. Não
mostra debilidade. Não fraqueja



P

assei as últimas semanas a ler sobre os preconceitos que persistem nas sociedades contemporâneas sobre o que é “ser-se homem”. Homem que é homem não chora, porque chorar é sinal de fraqueza ou, pior ainda, de falta de masculinidade. Homem não sofre. Não mostra debilidade. Não fraqueja. Não é mole. Não é “maricas”. Não é “gaja”. Há quanto tempo nos contam estas mentiras?

É algo que, em 1983, o escritor, educador e ativista norte-americano Paul Kivel resumiu num conceito: a “caixa do homem”. Lá dentro cabem todas as “expectativas dominantes na sociedade sobre como os homens ‘de verdade’ se devem comportar” caso não queiram ser considerados “maricas, falhados, bichas”, explica ao Expresso Kivel, que há mais de três décadas coordena o Oakland’s Men’s Project, um centro comunitário focado na prevenção da violência contra as mulheres. Homem que é homem é viril, é confiante, é dominante, é um líder.

As consequências desta visão tradicional da masculinidade são desastrosas: ela continua a ajudar a criar homens “cruéis, competitivos, individualistas, desligados emocionalmente, agressores e potencialmente violentos”, afirma o autor. E isto é algo que “é perigoso para os homens e para as mulheres”, diz-me Phil Barker, autor do livro “A (R) evolução do Homem: Repensar a masculinidade para o século XXI”, que chegou a Portugal este ano. “Desde o momento em que abrem os olhos num cobertor azul, os rapazes são tratados de forma diferente das raparigas. Dizem-nos para sermos fortes, para não fraquejarmos, a única emoção que nos permitem mostrar é a raiva. Esta busca incessante por ser macho rouba a nossa capacidade de expressar as nossas emoções, de comunicar, de amar e ser amado.”

O jornalista australiano, que há anos escreve na revista “Executive Style” uma crónica chamada “Vida em Marte” sobre ser-se homem “nestes tempos estranhos e terríveis”, defende que há “uma linha direta” entre a ideia tradicional de masculinidade e a “epidemia internacional” de violência doméstica (que vitimou 35 pessoas em Portugal em 2019, 26 das quais mulheres) e outros abusos de que as mulheres são vítimas. “Este tipo de pensamento coloca o homem como superior à mulher, na sua cabeça, logo ela deve fazer o que ele deseja. Os danos são óbvios: a desigualdade de género está no coração da violência doméstica, da violação, do assédio sexual, da objetificação e do controlo coercivo das mulheres. Faz com que os homens guardem as suas emoções até que explodem com violência.”

E ainda que as principais vítimas destes preconceitos de género sejam as mulheres (e, basicamente, todos aqueles que não são homens heterossexuais), os homens também pagam um preço elevado. As expectativas irrealistas sobre a masculinidade são, por exemplo, um terreno fértil para o isolamento emocional, “depressão comportamentos autodestrutivos como abuso de álcool ou drogas, comportamentos de alto risco, suicídio e, no geral, falta de autocuidado”, refere Kivel.

“Tentar estar à altura de ideias e imagens estereotipadas acerca dos homens e da masculinidade conduz a que vários ponham em perigo a sua saúde e a sua vida ao adotar comportamentos de risco”, afirma Tiago Rolino, do Centro de Estudos Sociais (CES) da Universidade de Coimbra, que trabalha com a socióloga Tatiana Moura no envolvimento de homens e rapazes na igualdade de género. O investigador socorre-se da estatística dos homicídios a nível internacional: “90% dos agressores e 90% das vítimas também. São os que mais matam e morrem para provar que são ‘homens’.”

QUEBRAR O SILÊNCIO

Phil Barker lembra ainda que o silêncio emocional a que muitos homens se votam, resistindo a procurar ajuda para os seus problemas de saúde mental, está, literalmente, a matá-los. Segundo o Instituto Nacional de Estatística, das 1061 pessoas que puseram fim à sua vida em 2017 (os dados mais recentes disponíveis), mais de 70% eram homens. “Ser duro, estoico e nunca precisar de ajuda ou mostrar fraqueza está na base do que normas de género atuais definem como masculinidade. Isso impede os homens de falarem uns com os outros e com os seus parceiros, ou de procurarem ajuda profissional. Preferem viver com depressão do que serem vistos como fracos”, explica Barker.

Este muro de silêncio é ainda mais impenetrável quando os próprios homens são vítimas de abusos sexuais. Ainda que esta seja uma realidade bastante mais significativa nas mulheres, um em cada seis homens já foram vítimas de alguma forma de violência sexual antes dos 18 anos, recorda Ângelo Fernandes, presidente da associação Quebrar o Silêncio. “É um número surpreendente e assustador”, mas que, conta-me ele, pode estar “abaixo da realidade”, devido à dificuldade de muitos homens em “reconhecer que foram abusados sexualmente”.

É uma realidade que Fernandes conhece bem. Aos 10 anos, foi abusado sexualmente por um amigo da família e só depois dos 30 é que conseguiu procurar ajuda. A ausência em Portugal de uma resposta especializada para homens que foram vítimas de abusos levou-o em 2017 a criar a Quebrar o Silêncio. Nos primeiros três anos de atividade, a associação prestou apoio a mais de 250 homens e regista uma média de oito casos novos por mês. Têm, em média, entre 30 e 40 anos, e a maioria guardava traumas desde a infância. “Passam a maior parte das vidas a sofrer em silêncio, sem partilhar a história de abuso com alguém próximo ou de confiança”, revela. A maioria dos agressores são igualmente homens. “Há mulheres que também abusam, mas não representam a maioria dos casos.”

Outra das missões da associação é promover a aceitação social “de que os homens e rapazes também são vítimas de violência sexual” e que esta forma de crime acontece independentemente da sua orientação sexual. “Há o mito de que só acontece entre



BRUNO BARBEY/MAGNUM PHOTOS/FOTOBANCO



MODELO Portugal, em 1964. Há uma ideia dos papéis masculinos e femininos que está impregnada nas pessoas e nas sociedades há “centenas de milhares de anos”. Eles são “caçadores e guerreiros”

homossexuais ou nas prisões. É uma ideia errada, que contribui para a estigmatização desta forma de violência e também para a manutenção do silêncio dos homens que foram vítimas.”

Para Fernandes, a solução para esta crise passa muito pela forma como os rapazes são educados, já que a exposição aos preconceitos de gênero começa na infância. “Os meninos e rapazes continuam a ser educados de uma forma que é prejudicial ao seu desenvolvimento. Não é saudável para uma criança não poder explorar a totalidade das emoções e reprimir várias delas, por serem vistas como algo perigoso, a evitar. Esta forma de os educar tem de ser repensada e alterada.”

O pediatra Mário Cordeiro concorda. “Os modelos parentais exercem uma grande influência nas crianças. Vejamos: os brinquedos, por exemplo, devem estar igualmente acessíveis a todos, e não as bolas e os carrinhos para os rapazes e as bonecas e as cozinhas para as raparigas. O jogo imita a realidade e também exercita o futuro.” Como o modelo que muitas mães passavam “era o trabalho doméstico”, as filhas brincavam “às mães e às donas

“90% dos agressores e 90% das vítimas [de homicídios] são homens. São os que mais matam e morrem para provar que são ‘homens’”

TIAGO ROLINO
INVESTIGADOR DO CES

de casa”; já os rapazes imitavam os pais: conduzir, trabalhar fora, brincar ao ar livre. “Daí os epítetos de ‘mariquinhas’ se um rapaz pegava numa boneca ou de ‘maria-rapaz’ se uma menina subia a uma árvore.”

Apesar de o paradigma estar a mudar, Cordeiro defende que subsistem “diferenças significativas em muitas famílias” na forma como se tratam e se educam os rapazes, “com alguma censura de expressão de sentimentos ou até de expressão criativa e artística”. É a consequência de um modelo de papéis masculinos e femininos que “está impregnado nas pessoas e nas sociedades” há “centenas de milhares de anos”: “eles, caçadores e guerreiros, bem como promotores de jogos e de atividades ao ar livre; elas, mães, esposas e cuidadoras do lar, bem como as ‘gestoras’ da intriga da aldeia”.

Algumas manifestações “desse marialvismo” são ainda comuns na adolescência, um tempo de grande afirmação da identidade pessoal e até de gênero. O pediatra deita mão aos números: “Cerca de 60% das raparigas afirmam já terem sofrido violência sexual no namoro, e, igualmente terrível, quase dois terços aceitam essa violência como ‘normal’ e uma ‘prova de amor’. A escola tem de contribuir

muito mais ativamente para quebrar esse ciclo e desfazer esses mitos e mentalidades.”

HOMENS PROMOTORES DA IGUALDADE

A Quebrar o Silêncio é também responsável pelos encontros anuais “O homem promotor da igualdade — homens e mulheres lado a lado pela igualdade de género”. Um dos participantes da terceira edição, em novembro último, foi Célio Dias, 27 anos, atleta olímpico de judo, “negro, homossexual e com doença mental”, como o próprio se apresenta algumas vezes. Teve o primeiro surto psicótico após ser eliminado dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016, e, há dois anos, foi-lhe diagnosticada esquizofrenia paranoide, uma condição psiquiátrica com maior predominância no sexo masculino e na qual os pacientes geralmente têm alucinações e delírios.

“Para mim, ser homem é ter vulnerabilidades, anseios, inseguranças”, admite Célio. “A verdade é que muitos homens têm dificuldade em assumir a sua esfera emocional e espiritual. A não confrontação dos problemas conduz, muitas vezes, ao desenvolvimento de doenças mentais”, acredita. Adotado em criança e criado num bairro social no Monte da Caparica, “temendo que a mãe o abandonasse”, tinha seis anos quando ouviu a primeira voz no seu subconsciente. “Porque não matas a tua professora?”, dizia-lhe, depois de a docente ter criado “um sistema de segregação dentro da sala de aula”, conta-me. Da mesma forma que as vozes apareceram, foram-se sem aviso, só voltando em 2018, quando foi diagnosticado. “Sempre que vejo alguém na rua ou mesmo pessoas mais próximas tenho pensamentos obscenos relacionados com a morte dos mesmos”. Vozes “corrosivas” que lhe dizem: “Mata a tua mãe!”, “Espeta um garfo nos olhos do teu pai!”, “A tua existência é insignificante: mata-te!” A dada altura, tornaram-se tão destrutivas que tentou duas vezes pôr fim à vida. “Era mais do que conseguia suportar. Pensava dia e noite em matar-me.”

Pergunto-lhe se o judo não surgiu como uma forma de encaixar nos modelos tradicionais de masculinidade, de provar que era ‘homem’. “Sabe quanta terapia tive de fazer para perceber isso? Foi, sem dúvida, uma tentativa de afirmação para varrer as minhas inseguranças relativamente à homossexualidade para debaixo do tapete.” Praticar um desporto de combate, e procurar ser o melhor nele, foi “a desculpa perfeita” para minimizar “o impacto nefasto dos comentários” que ouvia.

Outra estratégia foi criar um alter ego, Carter B. Rey, que usa para assinar um blogue que funciona como escape “para sobreviver ao racismo, à homofobia, à discriminação e a tudo aquilo” com que não concorda. Sabe que tem uma doença crónica, mas considera-a “um luxo”. “As pessoas que não têm doença mental não têm acesso ao mundo incrível que eu tenho. Ouvir vozes, ter ideias múltiplas que nascem como trevos nos campos, a celeridade do meu pensamento sem perder as suas qualidades, é magnífico. Claro que com tudo isto vem o sofrimento, mas já o cuidei e albergó-o no meu coração.”

REPENSAR A MASCULINIDADE

A eclosão do movimento #MeToo, em 2017, reacendeu o debate sobre a necessidade de adotar uma mentalidade mais saudável do que é “ser homem”. “Pós a masculinidade debaixo do microscópio e impulsionou o debate como nunca antes”, afirma

o educador e ativista Paul Kivel. “Foi um elemento-chave no começo de uma revolução contra o patriarcado. Começamos a perceber que o ato de ‘ser homem’ é artificial, adquirido e, em última análise, perigoso. Essa ideia está a ser desafiada pela primeira vez.”

Foi para desconstruir a ideia tradicional de masculinidade que, há três anos, o chileno Ricardo Higuera começou a promover em Lisboa convívios de tricô para homens. A ideia nasceu no coletivo Hombreres Tejedores, no Chile, do qual o antigo jornalista fez parte antes de vir para Portugal realizar um mestrado focado no conceito “novas masculinidades”, ou seja, alternativas ao modelo tradicional da “masculinidade hegemónica”. “O objetivo foi dar visibilidade à importância de conversar sobre questões prejudiciais são os estereótipos de género nas nossas sociedades. A ideia de que um homem não pode tricotar porque é uma atividade de mulheres tornou-se uma metáfora de como estes estereótipos se transformam numa jaula ou numa barreira para que as pessoas possam ser felizes praticando qualquer atividade, desporto ou expressão artística”.

Ricardo aprendeu a fazer tricô com a mãe aos 16 anos. Experimentou durante uns tempos, até que o deixou de lado, sobretudo porque tinha dificuldades em entender o movimento do tecido. Só voltou a pegar nas agulhas 20 anos mais tarde, quando participou num *workshop* para homens no Chile. “Essa experiência transformou a minha vida”, admite. “Abriu espaço para que hoje esteja a fazer doutoramento em Estudos de Género e participe em projetos como as Men Talks.”

Descobriu este ciclo de conversas para homens no início de 2019 quando começou a procurar iniciativas em Lisboa que encaixassem no conceito de novas masculinidades. O projeto nasceu da insatisfação com os conceitos enraizados na sociedade sobre o que é ‘ser homem’ e da importância de provocar a mudança para trabalhar “pela igualdade de género”. “Podemos analisar a masculinidade hegemónica e os comportamentos tóxicos associados a ela, além de criar um espaço onde os homens se possam sentir cómodos e seguros para partilhar sentimentos e reflexões que nos afetam de forma individual e coletiva”, explica Higuera.

Iniciativas como as Men Talks e os Hombreres Tejedores fazem parte de um crescente movimento global de homens que se juntam para falar dos seus receios, aprofundar as suas angústias, e, sobretudo, questionar as expectativas da masculinidade, na esperança de se tornarem homens melhores. É algo que é “em si desconfortável”, mas necessário admite Phil Barker. “Temos de olhar para as nossas vidas e os nossos relacionamentos e ver finalmente o mar azul onde navegamos todos os dias. É preciso iniciar um diálogo com outros homens sobre o que somos e o que significa ‘ser homem’.”

Estes grupos (que não devem ser confundidos com os chamados grupos dos direitos dos homens, antifeministas e, muitas vezes, com uma retórica violenta) não são novos. Surgiram há quase meio século no Reino Unido e nos EUA, no rescaldo dos movimentos feministas dos anos 60 e 70, no sentido de questionar o papel tradicional dos homens na sociedade. Há quem veja neles uma forma de combater aquilo a que muitos chamam “masculinidade tóxica”, uma expressão que se tornou muito popular entre feministas, mas que o autor de “A (R)evolução do Homem” rejeita: “Desgosto profundamente desse



“As mulheres precisam de aliados homens na luta pela igualdade. Os homens não dão ouvidos às mulheres, mas darão a outros homens”

PHIL BARKER

AUTOR DE “A (R)EVOLUÇÃO DO HOMEM”



EXCLUSIVO Castro Daire, em Viseu, em 1976. As tabernas foram, durante décadas, um reduto exclusivamente masculino

JEAN GAUMY/MAGNUM PHOTOS; FOTOBANCO

termo. Dá a entender que há algo de errado em ser homem e não há. Estamos a dizer a jovens que eles são maus só por serem homens e não é verdade. O problema está em tentarmos manter um ideal impossível de masculinidade. Temos de encontrar um modelo que seja positivo: forte, caloroso, aberto, afetuoso, comunicativo, que tenha espaço para a debilidade e a tristeza, o amor e a alegria.”

O pediatra Mário Cordeiro contesta outro conceito, o da igualdade de género, defendendo que o que tem de haver é a “igualdade de direitos de género, o que é bastante diferente”. “Os rapazes são diferentes das raparigas, não apenas pela sua ‘história antropológica’, mas em termos biológicos, hormonais e neurofisiológicos. Há, de facto, uma ‘maneira’ de funcionar masculina e feminina.”

HUMOR CONTRA O PRECONCEITO

Uma das vozes da nova masculinidade em Portugal é o comediante Diogo Faro, de 33 anos. O seu primeiro solo de *stand-up*, “Lugar Estranho”, é uma plataforma para refletir sobre os estereótipos de género, a violência contra as mulheres, o machismo, a homofobia e outros temas que têm origem numa expressão aparentemente tão inócua: sê homem. Nele conta, por exemplo, que chegou a admitir que poderia ser gay quando não conseguia ter uma ereção com uma rapariga com quem estava a sair. Levou-o a pensar que tinha falhado e que não era normal. “Crescemos com o fantasma de sermos máquinas sexuais. Achamos que temos de estar sempre prontos para ter sexo, em todo o lado, com todas as mulheres do mundo, só por sermos homens. E pode demorar um pouco até perceber que a vida, na realidade, não é nada assim”, conta Faro, que é colaborador da Tribuna Expresso.

Assume-se primeiro como comediante, mas não recusa o papel de ativista “quando assim tem de ser”. “Acima de tudo, quero fazer as pessoas rir, tem de ser esse o principal objetivo da comédia. Se através dela

conseguir que as pessoas pensem em determinados assuntos, melhor”. É a sua forma de contribuir para uma sociedade “mais justa para todos”.

Pode o humor ser uma arma contra o preconceito? Faro admite que sim, da mesma forma que “pode acentuá-lo”. Pergunto-lhe se não é isso que acontece quando, no espetáculo, usa a expressão “Jon Snow é um cona”. Não estará ele a manter um estereótipo? “Em parte sim, sustenta o preconceito. Mas estes casos linguísticos para mim são mais dúbios. Sou mais a favor da abordagem do esvaziamento do sentido negativo das palavras, tal como aconteceu já há uns bons anos com *queer* e como se quer fazer com *slut* (vadia)”.

Há um ano, Faro lançou com cinco amigos o movimento Não É Normal contra o machismo instituído. Na génese do movimento esteve um vídeo “trágico-cómico”, intitulado “o machismo não é grave porque é normal”, onde o humorista denunciava a normalização de pequenos comportamentos no dia a dia que estão “na base do machismo generalizado”. A lista é longa: inclui os piropos (“estão enraizados na nossa cultura e são profundamente errados”), “as convicções enraizadas que determinadas profissões são só para homens e outras só para mulheres”, a aceitação da disparidade salarial entre géneros ou o assédio sexual no trabalho e nas faculdades.

Para realizar o vídeo, o comediante fez um apelo na sua conta de Instagram para que mulheres que tivessem sido vítimas de assédio enviassem uma mensagem a dizer “Eu”. Esperava receber “30 ou 40 respostas”, mas em 48 horas recebeu quase três mil, incluindo histórias de abusos sexuais, de agressões e de violações, os mais graves dos quais foram encaminhados para a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). “Foi assustador, quer pela quantidade e quer pelo tipo de relatos”, recorda.

Dias depois, o humorista publicou uma crónica com o título “Eu não sabia, e peço desculpa por isso”, onde assumia dever, “como todos os homens”

do país, “um enorme pedido de desculpas” às mulheres. “Demorei anos a perceber, demorei anos a valorizar, demorei anos a não normalizar. Desculpem ter demorado tanto tempo a perceber. Eu não sabia mesmo. Mas agora já sei e agora não me volto a calar.” Em entrevistas que deu na altura, admitiu que também ele já fora machista. “Acima de tudo, era machista por inação, por passividade”, explica agora ao Expresso. “Achava normal e compactuava com comportamentos como os piropos e desvalorizava as queixas de sexismo das minhas amigas. Ser cúmplice é fazer parte do problema.”

Desafiado por uma amiga, Ana Esteves, e com a ajuda de quatro outros amigos — Madalena Belo, Margarida Candelária, Gonçalo Lopes e Luís Figueiredo — decidiu então criar o movimento feminista “Não é Normal” que tem levado a mensagem contra o machismo e a violência sobre as mulheres a várias escolas e universidades do país. Faro admite que, por ser homem, a sua mensagem poderá chegar mais facilmente a outros homens, mas diz que esse facto é também “sintomático do sexismo normalizado”. “É grande a probabilidade de, no caso disto se ter dado com uma mulher, fosse novamente desvalorizado: ‘Lá estão elas a ser histéricas e exageradas.’ Neste caso, acho que muita gente pensou: ‘Bem, se é um gajo a dizer isto, se calhar passa-se realmente alguma coisa.’” É um caminho inevitável, considera Barker: “As mulheres precisam de aliados homens na luta pela igualdade. Os homens não dão ouvidos às mulheres, mas darão a outros homens.”

COMEÇAR A REVOLUÇÃO EM CASA

Apesar de haver ainda muito a fazer “para o bem de todos”, Mário Cordeiro é otimista: a igualdade de direitos de género “tem dado passos de gigante, se consideramos o hiato de tempo que passou”. Para o pediatra, a libertação das mulheres trouxe também a dos homens, “no sentido de estes se tornarem mais humanos e menos robotizados ou ‘gorilas’, fazendo mão das hormonas endorfinas”. Mas a verdadeira revolução nas relações de poder só será possível quando as tarefas domésticas forem divididas de igual forma entre homens e mulheres, defende Tiago Rolino. “Os relatórios sobre a Paternidade no Mundo mostram-nos que em nenhum país do mundo homens e mulheres dividem tarefas domésticas e de cuidado de forma igualitária. Isto acarreta consequências para a vida familiar, para a igualdade de género, para o pleno desenvolvimento de crianças e para a transformação de masculinidades, de forma a serem mais igualitárias, menos violentas, mais cuidadoras. Esse é o verdadeiro desafio.”

Por agora, Célio não quer falar de judo. Voltou a estudar Psicologia, curso que interrompeu por causa da sua doença. Este ano quer fazer os exames para entrar em Medicina (“estou muito confiante de que o vou conseguir”) e prepara a criação de uma *start-up* com o objetivo “de ajudar as pessoas a tornarem-se mais resilientes e a gerir a mudança evitando efeitos nefastos”. E, acima de tudo, quer continuar a ser um ativista contra a estigmatização da doença mental. “É absolutamente fantástico quando, ao partilhar a nossa história, percebemos que não somos os únicos a sofrer com esses problemas. 3% da população mundial ouvem vozes. Espero que um dia nos possamos juntar, constituir uma orquestra filarmónica e experienciar conjuntamente a dor de cada um de nós.” ●